

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO.

2.ª SÉRIE. — OUTUBRO DE 1872. — N.º 4.

PORTO ALEGRE.

TYPOGRAPHIA DA REFORMA. — RUA GENERAL ANDRADE NEVES N. 51.

1872.

COMISSÃO DE REDACÇÃO.

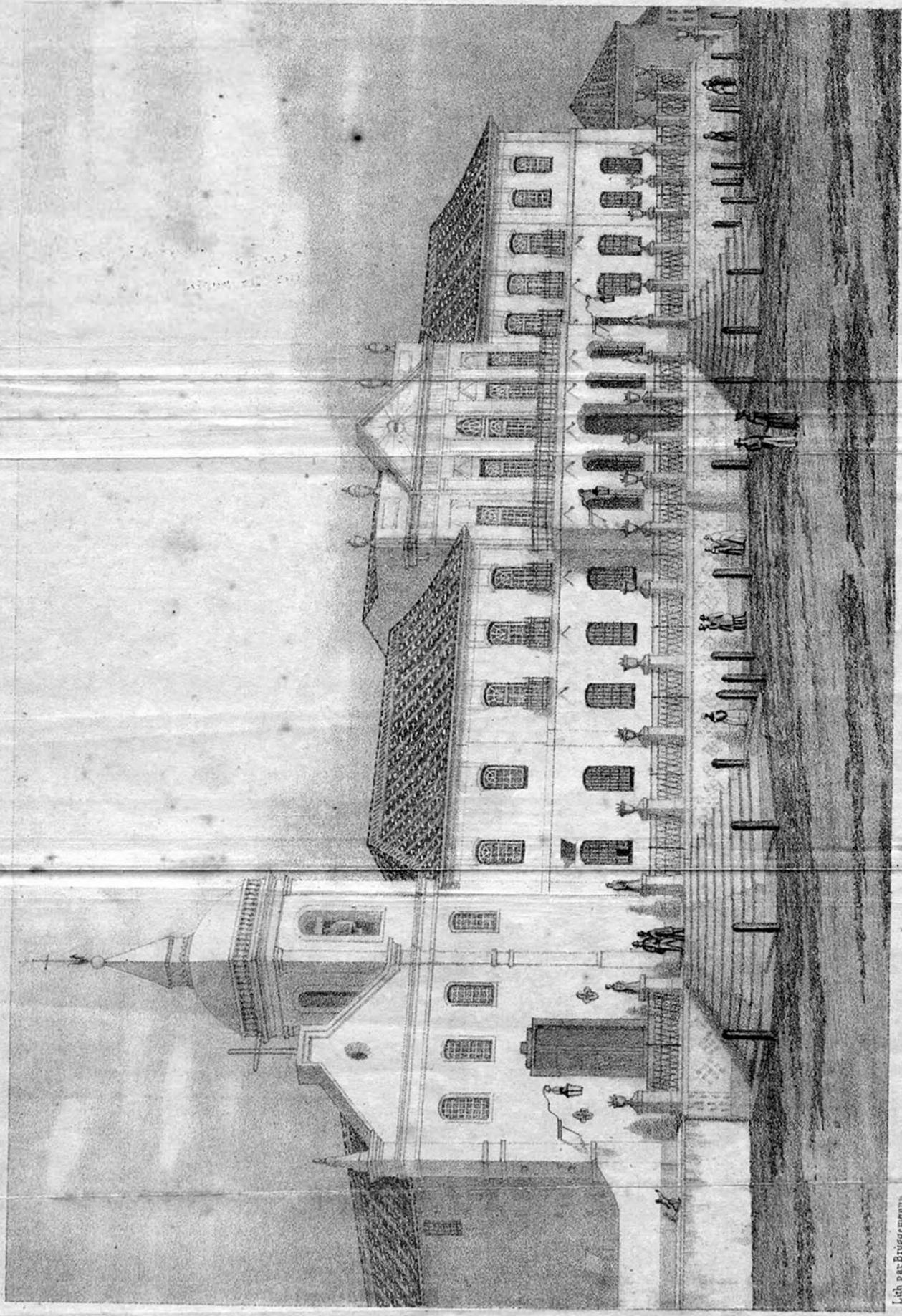
Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto-Alegre.
José Bernardino dos Santos,
Aurelio V. de Bittencourt.
Francisco J. de Sá Brito.
Manoel Gonçalves Junior.

REDACTOR DE MEZ.

Aurelio Virissimo de Bittencourt.

DIRECTORES.

Achilles Porto-Alegre.
Hilario Ribeiro.



Lith. par Brugemann

SANTA CAZA DA MIZERICORDIA.

PORTO ALEGRE.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL
Porto Alegre - Rua Riachuelo nº 1305

RESUMO HISTORICO

SOBRE A SANTA CASA DE MISERICORDIA

DE

PORTO-ALEGRE.

A estampa que, com o presente numero da *Revista*, se distribue, representa o edificio da Santa Casa de Misericordia d'esta capital.

Compulsando documentos existentes sobre esse pio estabelecimento, cujos serviços á humanidade não precisam ser encarecidos quando são de todos os dias, apresentamos em seguida as informações que nos pareceram de maior interesse.

Quando governador geral da capitania de Porto-Alegre o brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, costumava José Antonio da Silva, conhecido pelo appellido de— *Nabos a doze*, — tirar esmolas para os presos da cadêa, aos quaes distribuia um caldo todos os domingos.

Fallecendo algum tempo depois, a preta Angela Reiuna, que morava n'uma casa contigna á de José Antonio da Silva na rua hoje denominada do general Bento Martins, fundou um asylo para recolhimento e curativo de enfermos, pela maior parte maritimos, com quem mantinha relações desde S. José do Norte, onde antes residira.

Fallecendo esta preta, Antonio José da Silva Flores e Luiz Antonio da Silva, com o auxilio de esmolas, conseguiram edificar, sobre pilares de tijolo, uma enfermaria em maiores proporções no largo que depois se chamou da— Forca.

Ahi durante muitos annos foram tratados os pobres que necessitavam de soccorro, sendo cirurgiaão gratuito um filho do dito José Antonio da Silva, que exercia iguaes funcções no corpo de tropas em guarnição nesta cidade.

A enfermaria a que nos referimos, começou a funcionar nos primeiros dias do anno de 1793, sendo d'ahi por diante sustentada pelo

incansavel esforço dos dous bemfeitores, cujos nomes acima nomeamos, e pelas esmolas com que concorria o povo.

Chegando à esta cidade em 1788 Joaquim Francisco do Livramento, fundador do hospital de caridade da cidade do Desterro (Santa Catharina), e mais tarde dos seminarios de Itù e Sant'Anna, na provincia de S. Paulo, de Jacuacanga, na do Rio de Janeiro, e dos orphãos de S. Joaquim, na da Bahia; associou-se àquelles devotos e proseguiram os tres com todo o ardor na honrosa tarefa que se haviam proposto, ajudados tambem pela camara, que entendeu dever tomar a dianteira na partilha dos trabalhos a realizar.

Desejando aproveitar o religioso fervor de que se achava possuida a população, Joaquim Francisco do Livramento pôz à disposição da camara os seus serviços, declarando que estava prompto a ir à Lisboa, se lhe fossem facultados os precisos documentos, impetrar do principe regente a graça da criação de um hospital de caridade nesta cidade.

A camara, em nome do povo que representava, deu-lhe um attestado, no qual, depois de demonstrar os honrosos predicados de Livramento, solicitou à muito alta e poderosa piedade de sua alteza real a graça de dignar-se conceder faculdade para o estabelecimento de um hospital que os feis pretendiam à sua custa erigir, considerando essa concessão como um grande serviço feito a Deus Nosso Senhor e aos vassallos de sua alteza real d'este continente.

Firmaram semelhante documento, em 3 de Abril de 1802, os cidadãos Antonio José Martins Bastos, Matheus José da Silva, José Antonio Vieira de Carvalho, Antonio José Pereira Machado e José Alvares Ribeiro Guimarães.

Seguiu Joaquim Francisco do Livramento para a côrte de Lisboa a desempenhar a missão, que espontaneamente tomára sobre seus hombros.

Ali chegado, dirigiu ao principe regente a sua petição, juntando o attestado que a camara lhe entregara.

O deferimento não podia ser duvidoso, e assim foi expedido do palacio de Queluz aos 14 de Maio de 1803, pelo ministro de estado visconde de Anadia, um real aviso permitindo a criação do hospital com o producto de esmolas, e recommendando muito ao governador Paulo José da Silva Gama o proteger, animar e favorecer quanto possível fosse as pias e honraveis fadigas das pessoas que tão bom emprego faziam do seu tempo e actividade.

O citado aviso igualmente recommendou que às esmolas obtidas não se dêsse outra applicação que não fosse a erecção do estabelecimento.

A 19 de Outubro de 1803, nas casas da camara, reunidos o juiz presidente e officiaes da mesa, apresentaram-se o capitão José Francisco da Silveira Casado, Joaquim Francisco Alvares e Luiz Antonio da Silva, que haviam sido convocados para servirem de thesoureiro, escrivão e procurador do novo hospital.

Perguntando-se-lhes se estavam dispostos a exercer esses lugares sem direito à remuneração pecuniaria pelo seu trabalho, responderam que de boa vontade se prestavam.

O padre Francisco Ferreira Leitão offereceu se nessa occasião para procurador supranumerario, procedimento que muito abona os sentimentos religiosos d'esse sacerdote.

Seguiu-se depois a cerimonia do juramento e posse dos cargos referidos.

Em fins de 1803 teve começo a construcção, sob a direcção do brigadeiro Francisco João Rocio, que no anno antecedente, como governador interino da provincia, escolhera e concedera o local, que é o mesmo em que hoje está o edificio da Santa Casa.

Tendo traçado o plano da obra, dirigiu-a aquelle brigadeiro até 1806, anno em que falleceu, sem deixar o risco por escripto. Tendo, porém, o finado communicado os seus projectos aos administradores, facil foi levantar a planta de conformidade com as declarações dos mesmos administradores, a qual por copia foi enviada á secretaria de Estado, succedendo que a original desappareceu até esta data.

Sem novidade proseguiram os trabalhos até o começo do anno de 1814, época em que falleceu o escrivão Joaquim Francisco Alvares.

Este facto lamentavel deu lugar a que os outros dois membros da commissão requeressem ao governador D. Diogo de Souza a eleição de uma mesa administrativa, affim de que a obra continuasse sob melhor direcção, isenta dos defeitos que já visivelmente se notavam.

O requerimento, informado em 11 de Julho do dito anno de 1814 pelo juiz de fóra Dr. Domingos Francisco das Neves, provedor de capellas e residuos, foi em 3 de Setembro favoravelmente despachado, sendo o deferimento confirmado no quartel-general de Rio Pardo em 20 de Abril de 1819 pelo governador conde da Figueira.

Determinado que se procedesse em sessão da camara á eleição canonica da mesa, teve ella lugar em 5 de Janeiro de 1815, sendo governador o marquez de Alegrete.

O resultado da eleição foi este :

Provedor, o marquez de Alegrete.

Vice-provedor, o tenente-general Joaquim Xavier Curado.

Escrivão, o marechal Miguel Lino de Moraes.

A 20 do mesmo mez foi a mesa empossada no palacio do governo.

Pretendeu aquelle provedor, que serviu até 1818, mudar o hospital militar para as duas enfermarias e duas pequenas casas que a esse tempo estavam concluidas, mediante o aluguel que se pagava á casa particular occupada pelo mesmo hospital ; porém a mesa recusou acceder aos desejos do marquez pela poderosa razão de que o povo, unico onerado com as despezas da construcção, queria que o novo estabelecimento só tivesse por fim soccorrer as pessoas pobres accommettidas de molestias, e sem recursos para tratar-se.

O marquez de Alegrete, contrariado com a resolução da mesa, ordenou arbitrariamente que os presos militares fossem occupar as lojas da Santa Casa, apresentando como justificação d'esta medida a necessidade de concertos na prisão militar.

Justamente indignado por tão abusivo procedimento, o povo arrefeceu o ardor com que se consagrava á sua nobre tarefa, e as obras tiveram de parar por falta de meios.

Pensando que o novo governador conde da Figueira fizesse retirar os presos, attendendo assim aos justos reclamos da população, a mesa elegeu-o para provedor nos annos de 1819 a 1821. O conde não se contentou só em manter o acto de seu antecessor; foi mais longe; pretendeu remover para a Santa Casa o hospital militar.

Fez ouvir sobre essa medida o physico-mór Dr. Julio Cezar Musi, que energicamente contrariou-a, e mais tarde a junta de fazenda, onde as opiniões divergiram no seguinte ponto:— a quem devia competir a administração, uma vez realisada a fusão dos hospitaes, sendo a maioria de parecer que fosse regulada a administração por inspecção militar, se a mesa n'isso concordasse.

Ouvida esta officialmente, o escrivão desembargador Luiz Corrêa Teixeira de Bragança, desenvolveu contra semelhante pretensão tão valente argumentação, que a Junta afinal foi contraria á pretendida remoção.

Com esta decisão tão conforme á vontade geral, zangou-se o provedor, que abandonou os interesses do estabelecimento confiado á sua gerencia, sendo os presos retirados pelo governo do triunvirato, que succedeu áquelle governador.

Na obra da enfermaria do 2.º pavimento, cosinha provisoria e igreja gastou-se até o anno de 1824 a somma de 32:475\$578 rs., producto de esmolas dos fieis e da 3.ª parte dos legados não cumpridos, com excepção de pequena quantia adiantada pelo thesoureiro.

Ainda durante a administração do desembargador Teixeira de Bragança, tentou o governo provisorio a remoção do hospital militar, oppondo-se tenazmente a isso aquelle provedor, que servio de 1822 a 1824.

Em 29 de Maio de 1822 o imperador confirmou a irmandade da Santa Casa e concedeu-lhe as prerogativas de que gozam todas as irmandades de misericordia.

O visconde de S. Leopoldo, que foi o primeiro enfermeiro-mór do hospital, meado provedor em 1825, desenvolveu a maior actividade, de modo que a 1.ª de Janeiro de 1826 realisou-se o acto solemne da abertura do hospital, sendo nelle recolhidos os doentes reconhecida-mente pobres.

Por decreto de 29 de Setembro de 1828, concedeu-se á Santa Casa possuir até 60 contos de réis em bens de raiz, e sob representação da mesa, que com o tempo reconheceu ser essa concessão muito limitada, foi por decreto n.º 597 de 14 de Setembro de 1850 autorizada a adquirir bens de raiz até o valor de 200 contos de réis, com a obrigação de, n'um praso dado, converter em apolices da divida publica os bens obtidos em virtude do mesmo decreto.

Em 1827 foi eleito provedor João Marcos Vieira de Araujo Pereira, que instituiu a botica e n'ella despendeu regular quantia, visto que a Santa Casa não dispunha dos necessarios meios para o seu custeio.

Deu-se com este provedor um facto notavel.

Mandando o presidente da provincia Salvador José Maciel alguns presos militares para serem tratados na Santa Casa, o Sr. Araujo Pereira recusou recebê-los, e indo a palácio explicar os fundamentos de

na recusa, o presidente ameaçou-o de o fazer seguir preso para o Rio de Janeiro, ao que respondeu o provedor que se sujeitaria à essa violência, antes do que tolerar a infracção das leis do estabelecimento, que jurara observar.

De 1828 a 1829 serviu de provedor o commendador Rodrigo José de Figueiredo Moreira.

De 1829 a 1830 João José de Oliveira Guimarães.

De 1830 a 1831 o marechal José Ignacio da Silveira.

Em 1832 o capitão-mór Manoel Pires da Silveira Casado.

Em 1833 e 1834 Antonio Martins Barboza.

Em 1835 o conego João Baptista Leite de Oliveira Salgado.

De 1836 a 1840 o padre Francisco Ferreira Leitão.

A administração d'este sacerdote no periodo de quatro annos, quando a provincia se achava a braços com a revolução que rebentára em 1835, foi importante. Os seus serviços nessa quadra foram tão notáveis, tão grande a sua abnegação, tão forte a sua fé, tão prodigiosa a sua actividade, que a Santa Casa inscreveu o seu nome na lista dos mais prestantes bemfeitores.

Em 1841 foi eleito provedor o coronel Bibiano José Carneiro da Fontoura, que serviu por devoção no anno seguinte, sendo eleito o conselheiro Saturnino de Souza e Oliveira, que se achava à testa da administração da provincia.

Até então estavam paradas as obras do hospital, porque as mesas anteriores tinham julgado preferível construir casas na Varzea e rua da Misericordia, creando-se assim uma fonte de renda certa para custeio das grandes despesas que um tal estabelecimento exige.

O conselheiro Saturnino, porém, entendeu que era tempo de proseguir na obra do hospital, e obteve para o effeito alguns valiosos auxilios.

Foi na sua administração que deu-se regulamento para a criação dos expostos (12 de Junho de 1842) sendo a casa da roda removida para o novo hospital em 1º de Janeiro de 1844.

Seguiu-se na provedoria o marquez, hoje duque de Caxias, presidente da provincia, que a maior parte do tempo esteve na campanha à frente do exercito. O coronel Bibiano continuava, entretanto, a exercer o cargo por devoção, prestando assignalados serviços.

Em fins de 1845 suas magestades imperiaes visitaram o estabelecimento, fazendo o imperador doação de dez contos de réis, e a imperatriz de dois.

Na provedoria do marquez de Caxias fundou-se o cemiterio extramuros, cuja administração ainda até agora está a cargo da Santa Casa.

Serviu em 1846 o commendador João Baptista da Silva Pereira, depois barão de Gravatahy; em 1847 e 1848 o desembargador Manoel José de Freitas Travassos, que continuou em 1850 por ter sido chamado à côrte o provedor eleito tambem em 1849, general Francisco José de Souza Soares de Andréa, mais tarde barão de Caçapava.

De 1851 a 1853 exerceu o cargo o negociante Lopo Gonçalves Bastos, que muitos serviços prestou, sobresahindo entre elles a acqui-

sição de africanos livres para o serviço da Santa Casa e diversos melhoramentos que de seu bolso mandou fazer no edificio.

Sucedeu-lhe em 1854 o Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, e no anno seguinte o Dr. João Rodrigues Fagundes, que, como escrivão da mesa anterior, desempenhara quasi effectivamente as funcções do provedor por impedimento do proprietario.

Segundo o testemunho do desembargador Freitas Travassos, o Dr. Fagundes melhorou consideravelmente o pessoal e material da Santa Casa, e prestou relevantes serviços na época do cholera-morbus, quando aquelle estabelecimento não estava provido de certos recursos e as difficuldade se accumulavam umas sobre outras.

Em 1856 foi provedor o Dr. Israel Rodrigues Barcellos, e em 1857 e 1858 o desembargador Travassos, sob cuja administração foi lançada no 1º de Janeiro de 1858 a pedra fundamental da nova igreja.

De 1859 a 1863 foi provedor o Dr. João Rodrigues Fagundes.

Em 1864 o Dr. Manoel José de Campos.

Desde 1865 que é provedor o Exm. Sr. marechal de campo Luiz Manoel de Lima e Silva, que muitos e importantes serviços tem prestado ao pio estabelecimento.

O numero das pessoas que nos annos de 1795 e 1796 se cotisaram para coadjuvar as despezas com a enfermaria, sobe a 293.

As informações que ficam consignadas, foram extrahidas dos apontamentos para a historia da fundação da Santa Casa, colleccionados pelo desembargador Freitas Travassos, e cuja leitura nos foi obsequiosamente permittida.

A necessidade de ceder lugar a outros escriptos, nos impede de dar maior desenvolvimento a este trabalho.

AURELIO DE BITTENCURT.

O VAQUEANO.

(NARRATIVA).

XIII.

A lenda.

O posteiro estava desesperado, chorava sobre os cadaveres da inditosa familia, e, na exaltação do seu resentimento, accusava o mulatinho Moysés do horrendo crime que tivera lugar.

A dôr que lhe arrancava lagrimas e suspiros em borbotões, tinha tal character de sinceridade, que ninguem poderia duvidar da amizade, que elle tributava a Gil de Avençal.

Porém foi injusto em suas recriminações contra Moysés

O que então era este da casa? Que papel representava na familia?

Nascêra d'uma escrava e fôra liberto na pia baptismal. Nas senzalas affirmavam que era filho do estancieiro. Faltavam as provas, e, quem as pndera apresentar, sua mãe, morrera na occasião de dal-o à luz. Todavia o facto da manumissão, sem motivos plausiveis, mórmente n'esta época, deixava entrever por ventura alguma coisa de verdadeiro no boato espalhado pelos negros da fazenda.

Quando consumou-se a catastrophe sanguinaria, elle estava ausente; sahira a tropear, facto que os Capinchos desconhecia na accusação que lhe fez, ou então de que quiz aproveitar para distrabir a attenção de sobre si.

De volta encontra de pé a calumnia, apesar de defenderem n'os todos os escravos de Gil; e diante a imputação de crime tão horrendo desvaira, foge, busca os sitios mais impervios da serra, quando poderia demonstrar sua innocencia com o depoimento das pessoas entre quem se achava, quando se dera o acontecimento.

Só um anno depois, serenado o espirito, desceu dos retiros, onde convivera com indomitias fêras e a já minguada tribu dos guaycanans, procurou a justificação que devia lavar a pecha infamante atirada a

seu nome. Pela sciencia criminal a evasão agravaria o supposto delicto. Pobre sciencia, pois vê no rosto conturbado um documento comprobativo! Pobre sciencia que não tenta sondar o oceano dos phenomenos moraes, que affasta de si, repelle com ar severo e movimentos rispidos o testemunho da physiologia! que admittiu nma craveira invariavel para o genero humano, como se todos os corações fossem vasos d'um mesmo molde e todas as naturezas tivessem identica manifestação do sentimento! que enfim não deduz dos fastos dos tribunaes a luz da verdade que deve conduzir a e aclarar a, e onde no entretanto a face de Lacenaire desorienta os juizes pela cynica coragem e dôce placidez que a reveste, e o innocente Lesurques estremece, tituba, desmaia ante o apparato e espectaculo da vindicta social!

Por ella Moysés fôra nm sicario, soffreria a ultima pena; para a consciencia do mulato e para Deos a justiça da terra commetteria a mais clamorosa das iniquidades. Felizmente nos tempos que iam, a victima da calumniosa imputação sahiu sã e salva. A acção judiciaria não chegava senão libia a lugares distantes; até garantia a impunidade. Ninguem portanto, teve a lembrança de fazer averiguações relativas aos verdadeiros culpados. O anno decorrido começara de apagar a triste impressão, e o pô do esquecimento depuzera a primeira camada sobre a têla de horrores.

Moysés tinha lá consigo desconfianças pouco mais ou menos verosimeis. Recahiam de cheio em José Capinchos. O posteiro tornara-se dono de estancia, senhor opulento que trajava como o mais guapo monarcha das cochilhas, despendia a las largas e pretendia os fóros de caudilho, quando não havia muito arrastava a chilena à sombra de Gil. Fortuna e maneiras tão de rebate faziam-no reflectir; mas na falta d'um indicio vehemente, que o guiasse à verdade, recalcava n'alma a suspeita e suspendia os juizos.

Soube então que o filho mais velho de Avençal conseguira escapar milagrosamente ao ferro homicida. Era José. Procurou-o. Tres annos os dispendeu elle em pesquisas infructiferas, até que foi deparal-o n'uma distancia de cem leguas. Foi n'essa occasião sabedor do que ignorava a respeito dos episodios da noite do anno de 1813. O pequeno José fôra deitar-se e uma negra que servia na casa de mucama e o estimava como filho, o entretinha antes de conciliar o sommo com nm d'esses contos que todo o mundo relembra saudoso dos dias da infancia. O menino a escutava preso da attenção que se lhe diffundia na palpebra largamente descerrada.

A historia, vamos reproduzir-a, pelo character peculiar de pertencer à provincia e mais certo ao Brazil inteiro. E' uma lenda que suavisa o calice amargo da escravidão, grinalda de odorosas flôres entrelaçada às algemas, balsamo anodyno sobre a ulcera que sangra no peito do captivo. Ah! vai. Falta-lhe, em nosso estylo, o pittoresco da linguagem e a fidelidade no desenho dos costumes; resta-lhe, porém, a verdade de fundo.

O RECUSCIDADO.

— O pai Curruira, filho do reino de Benin, acaba de morrer com noventa e trez annos pelos calculos de seus companheiros. Morreu, e a tristeza não se stereotypa nos rostos azeviçhados da cafraria; a angustia e o alarido de carpuleiras não cercam o corpo do finado, como ultima homenagem à seus restos. Ao contrario o urucongo e o bujamé despedem sons festivos. Cada matrona e cada rapariga se ennastrou do melhor que poude. Collares e manilhas de missangas de coral e vidrilho com caurins entremeiados ou pendentelhes cingem a garganta e os pulsos, fazendo ao reflexo variegado realçar o ébano da cutis. O candombe deslaçado em meneios lascivos, o canto de diapasão aspero e monotono, formam o cortejo mortuario em roda do cadaver.

Presidia a festa, que similitiva extranha macabra de vampiros ou bruxas, Maria a Conga, a quem a senzala venerava como rainha ou fetiche de um culto profundo.

— Mãe Maria, perguntou um crioulo vivo e experto como um demônio, traquino como todo o moleque, porque o branco chora, quando morrem os seus, e o negro ri?

— O negro, respondeu a respeitavel veterana, passando a masca de fumo d'um lado para o outro da bochecha, morre aqui para viver na Africa. Vai ver o berço em que nasceu debaixo das tamareiras e baobabs, vai correr as areias em que brincou no tempo de criança, vai vêr a patria.

O crioulo arregalou ao principio os olhos, pensou por instantes e em seguida coçando a cabeça, a sacudiu em ar de duvida.

— Quem morre, então vive depois? ajuntou.

— Não crês, menino? Vou contar o que aconteceu ao irmão Inhabané

— Mãe Maria vai contar uma historia! Hih! Iih! Hih!... Venham ouvir. E de contente saltava como um cabrito.

Logo um cardume de cabeças infantis e alegres, mostrando os dentes alvos como as prezas do elephante, com as pupillas de gazella aivadas pela curiosidade, ferveru em torno da velha negra.

Musicas e cantos e dansas sustaram.

Todos quizeram ouvir a palavra do oraculo de suas crenças, da pythonisa africana que guardava no coração as memorias da patria distante. Mãe Maria tomou um cêpo junto ao fogo. Os mais cruzaram as pernas no chão de argila, pousando o cotovello sobre ellas e a face sobre a mão. E' a attitude de quem quer ouvir attentamente.

Em pouco nem o mais leve ruido sahia do circulo de gente, cujo centro era a veneranda Maria. Até a respiração parecia estar soffreada.

Ella começou pausada como a prudencia, solemne como um mysterio:

— Muitos annos já vão, filhos, desde o tempo em que Inhabané, junto às aguas de Cuanza, fazia guerra aos homens do outro lado do mar! Muitos! Quantas vezes já as arvores não despiram as folhas?!

— Quem era Inhabané, mãe Maria? Quem era Inhabané? interrogaram em côro.

— Rei e senhor de Cassange... A velha, que falla agora, não era como veem. Hoje está curvada ao peso dos annos, não caminha, nem pôde trabalhar... O' n'aquelles tempos! ? Bons tempos em que tinha por cama finas esteiras de Loanda, e vestia lindas roupas de pelle, e tinha os caurins do mar e pisava o tilbar, ambição do branco! Então meu corpo era direito como a palmeira, ligeiro como o gamo dos montes de Kong... Ah! bons tempos de Cassange que Maria ha de tornar a ver!...

— Bons tempos de Cassange! Bons tempos! repetia a multidão com a fidelidade d'un echo, quando ella curvava a fronte senil no seio das recordações e nas saudades do berço.

Depois de instantes de mystico recolhimento, proseguiu:

— Os homens do outro lado do mar venceram a Inhabané, o guerreiro, o valente, a esperança de Cassangé. Elle foi preso, ligado e vendido para as terras dos Brazis.

— Mão branco! Mão branco! rumorejavam os ouvintes com assomos de odio.

— Inhabané teve um ruim senhor que amou a mulher do captivo e quiz tomal a.

Era Kuniah, formosa entre as formosas. E Kuniah resistiu, porque tinha um coração que não era d'ella, era de Inhabané, seu senhor e seu rei e pai de seus filhos. Kuniah resistiu e teve o corpo cortado ao açoite e foi vendida longe dos filhos e do marido, alegria e sol de sua vida.

— Que dôr, mãe Maria! Que dôr! gemia a turba.

— Inhabané teve uma tempestade aqui, e a velha pôz a mão rugosa sobre o peito, ferio o perseguidor de Kuniah. Pobre rei! foi levado ao tronco como o ullimo dos servos, o laço regoou suas carnes, o sangue do principe de Cassange ensopou a terra do captiveiro.

— Ah! quizilia de branco! E a cafraria saltava de pé, tremula e fula de colera, o olhar ardente e sanguineo, as faces crispadas pelo odio e desejo de vingança, o gesto saturado de ameaças.

— Filhos, silencio! E desatou um ademan imperativo para que sentassem.

Tndo voltou á immobibilidade das curyatides no sopé do antigo monumento.

— O rei de Cassange soffren muito... muito! Desesperado procurou um jerivá que recordava a patria, em suas palmas, subio até o olho do coqueiro, atou um cipó e enforcou-se.

— Pobre Inhabané! murmuraram em tom pungente.

— Feliz! feliz! repeti, filhos... E atirava longe de si a masca com um movimento de inspirada.

Todos a fitaram pasmos.

Ella continuou:

— Ninguém vin dependurado o principe, sem choral-o. Quando foram no outro dia buscar o corpo para enterrar, tinha desaparecido.

— Tinha desaparecido? perguntaram boquiabertos.

— E' verdade, Inhabané tinha dormido nas terras do captiveiro, para acordar nas terras da patria.

— Quem viu ? interrogou o crioulo que dera motivo à narração.

— Maria viu, menino. Era de madrugada. Maria inda era livre, ia banhar-se nas aguas do Cnaza. Então, Inhabanê sahia d'entre as palmas d'uma tamareira, contemplava como n'um sonho o paz que ha tanto deixára e vinha de novo possuir. Desceu e começou uma guerra de morte contra seus inimigos.

Esperemos, filhos. O pai Curruira foi hoje, amanhã nós iremos. Quem diz é mãe Maria.

Assim concluiu.

— Amanhã, nós iremos... nós iremos, repetiram com profunda fé.

Por momentos trataram do caso, sem commental-o, e em seguida foram renovar com mais enthusiasmo as festas em torno do finado.

Eis o que a escrava narrára ao pequeno José de Avençal, pouco mais ou menos. Era uma scena que ha pouco assistira nos galpões da senzala.

XIV.

Amaral.

Mal terminava, ouve um grito tremendo, seguido de gemidos dolorosos. Corre a ver o que era.

Na varanda, á luz d'uma candeia de garavato, cujo eslabão fôra torcido com grande esforço para arrancar o do muro, onde estava pregado, presenciou um quadro, que a penna não traça com suas mais negras côres, e comprehende o só quem pôde assistil-o.

Sobre o soalho estorcendo-se em cruas vascas, Maria a esposa de Gil ; junto um homem degollando o filhinho que a desventurada mãe amamentava. A misera toda retalhada de golpes, rotas as arterias, arquejante, ainda tinha forças nas derradeiras convulsões da vida para erguer o corpo a meio e pedir com palavras, que vinham em ondas de sangue, pela innocente victima. Sublime arranco da maternidade !

A escrava não pode reconhecer o assassino, pois estava envolto n'um immenso poncho talar e mergulhava o semblante nas largas abas d'um sombreiro. Recnou espavorida, yoou ao quarto de José, fechou a porta por dentro, tomou o menino ao collo, e, abrindo uma janella que dava para o campo, vingou-a d'um salto. De passagem incorporou a fugida tres companheiros que encontrara, contando-lhes o occorrido em phrases rapidas e interjectivas.

Depois, como o caminheiro que embebe sob as patas do cavallo, cochilhas, canhadas, sangas e varzeas, fugindo aos olhos azues dos boitatás, elles atravessaram durante mezes larga extensão da capitania, tendo o cuidado de evitar os povoados.

Grandes e nobres romeiros !

Quando podiam quebrar os grilhões da servidão, faziam timbre

em mantel-os, guardando a infancia do unico senhor com todo disvêlo, todo o amor capaz de conter o coração humano para um filho, todo o culto que derrama-se nas aras divinas! O' não digam que era a fidelidade do cão! Não, por Deos! Onde ha uma alma livre, uma consciencia, só pôde haver sacrificio e abnegação, nunca o rastejar do animal que é servil, submisso, feliz aliado ao jugo, porque não concebe a liberdade e muito menos pôde aspiral-a.

Deliveram os passos n'uma casa nas immedições do sitio em que hoje existe a freguezia de Tahim.

Pertencia ao cavalheiro de Amaral que em consequencia d'uma serie de duellos contrarios ás disposições da Ordenação, fôra obrigado a expatriar-se de Portugal. Nobre pela ascendencia, como pelos sentimentos que o exornavam, tivera até o momento em que embarcara occultamente para o Brazil, uma existencia agitada e cheia de dissabores, pelo character independente que manifestara sempre, como por dissensões com outra familia do reino. Então casado e sem filhos, feliz e tranquillo n'um recanto da America, era um verdadeiro philosopho a ver os dias deslizarem sem nuvens e tempestades, a pensar quotidianamente sobre o homem e a natureza, modificando assim idéas erroneas e grosseiros prejuizos que a educação e determinadas circumstancias conseguiram inocular-lhe no espirito. Entre os ultimos sobresahiam duas extranhas theorias sobre as raças e sobre os castelhanos, mórmente estes, que por meio de alguns falsos raciocinios elle chegava a separar do genero humano.

Não tinha outros senões. Quanto aos motivos que lhe impuzeram o voluntario desterro, ninguém os sabia, nem mesmo os dizia elle, evitando com desgosto pronunciado a conversação sobre semelhante assumpto.

Eis a nova personagem em breve bosquejo.

Quando Amaral ouviu o acontecimento relatado no estylo rustico da negra, conveio de si para si que a catastrophe era extraordinaria e delibieron tomar averiguações. O que feito, confirmou-se a verdade.

O tópico final, a salvação da criança, que lhe suggerira a mais tenaz objecção, pela gente que a tinha realiado, veio trazer alguma mudança em sua maneira de pensar.

Foi a occasião de admirar as frentes caíres aureoladas da estemma d'uma realeza que eclipsava o ignobil ferrete da escravidão. Pela primeira vez suggeriram-lhe pensamentos, os quaes a educação do tempo e os preconceitos sociaes não haviam ainda provocado. O negro deixou de ser o ourangoutango, o ente inferior julgada não só incompleto e defeituoso pelas fôrmas, como pela intelligencia, que lhe transparecia do craneo. O pobre *Pongo*, o poleá da colombia terra a seus olhos começou a reassumir os direitos que lhe negavam por asferro de opinião ou torpe especulação de negreiro; desde então merecia para elle o titulo de homem. Ponderou com justeza que a intelligencia e virtude não se tornavam privativas d'uma especie da grande familia humana, e recebeu a caravana de infelizes com os braços abertos e o mesmo enthusiasmo que manifestaria por qualquer dos sens.

Trabalhou enfim para descobrir o motor de tantas desgraças ; porém, como era de esperar, a distancia neutralizou a boa vontade e o empenho empregados.

XV.

A' sombra do umbú.

José Capinchos, com fardo de tigre que presente a victima, muito antes de Moysés descobriro escondrijo do misero orphão.

Uma tarde Amaral recebeu tres hospedes. Eram o capataz e dois asseclas do antigo posteiro. Vinham em embaixada para reclamar a criança.

O cavalheiro recebeu-os com altivez, sem quebra das leis de hospitalidade.

— Diz a teu amo que o menino pertence-me ; já ão estimo muito para privar-me de sua companhia. Sou casado e não tenho filhos, vou instituir-o meu herdeiro. Não duvido, quero mesmo crer com toda a lealdade que elle fosse amigo dos pais ; no entretanto devo recordar-lhe o abandono e menosprezo lançado ao ultimo descendente d'uma mal aventurada gente, pois deixaram-n'õ de tão longe vir bater á minha porta.

Quiz insistir o capataz. Elle fel-o emmudecer pelo tom em que continuou :

— Porfiar é inutil. Disputal-o hei como a um lance de senas. Agradeço as boas intenções, sem todavia aceitar as. Patentêa a teu amo os respeitos e a estima de que lhe sou credor, desde que se interessa tanto pelo filho do finado Avençal.

O mensageiro enfiou e retirou-se murcho e cabisbacho, qual raposo apanhado por gallinhas. Planejara com tudo o rapto da criança e o puzera em pratica, se no dia seguinte não vira no curral possantes e rapidos ginetes promptos á menor eventualidade, como peões armados de ponto em branco, na casa, nos campos, por toda a parte enfim.

Amaral tivera um presentimento ou o raio do crepusculo lhe foi bom conselheiro.

Reflectira que, para de tão longinquas terras virem em demanda do orphão, era necessario um grande movel, por isso puzera desde o cambar do dia em armas toda a gente de que dispunha.

Advinhara. O enviado de Capinchos teve de voltar, abanando as mãos e com reconcentrado despeito contra o providencial protector do menino.

Mezes mal passados surgio Moysés.

— Venho visitar o pequeno de Avençal, disse logo de entrada.

— O cavalheiro franziu o sobrõlho e perguntou com presteza.:

— D'onde vem ?

— Da Vaccaria.

Visos de cólera reverberaram-lhe de toda a physionomia

— E' muito teimar ! disse.

— Como ? !

— Como ? ! E a voz estremecia-lhe nas arcas do peito com extranho rumor. Ninguem o vê, com mil diabos !

— Ninguem o vê ! repetia o outro já meio quente com os modos de Amaral.

— Ninguem o vê, o repito. Minha casa é franca para todos, menos para habitantes da Vaccaria. E ia virar-lhe as costas com medo de si mesmo.

— Quem deu ao senhor um tal direito ? exclamou o mulato com sobranceira.

— Quem deu-me, villão ! ? O vens perguntar a mim que estou em meus senhorios ? E o diapazão de stentor echoou formidavel, como o estrondar de rochas que despencam e embatem no declive de môrros.

— E eu reclamo meu irmão, saltou o outro como uma esfuziada de pampeiro.

A tempestade já desfeita na alma do cavalheiro esvaeceu como um manto de brumas á luz do sol.

— Seu irmão ? ! !... E a interjeição prolongou-se semelhante ao som nos accidentes do terreno derramado em despenhos e montes.

— Seu irmão ! ! ! E procurava associar no pensamento, duas coisas que elle separaria em outra qualquer occasião, como impossiveis de liga, harmonia ou de qualquer laço de relação. Ainda o prejuizo não desvanecera inteiramente. A intervallos voltava:

Dentro de pouco foi sciente de tudo.

O caçador não occultou a menor circumstancia, coneluidando assim :

— Uma coisa peço a V. mercê. lhe não diga jámais que o mesmo sangue nos corre nas veias. Pôde algum dia envergonhal-o.

Amaral contemplou aquella fronte bronzeada com admiração. Uma só phrase não occorren-lhe de momento. Apertou com força a mão do mestiço. Tinha dito tudo. Com mais eloquencia fallavam as palpebras rorejantes...

N'essa noite tornaram as considerações sobre as raças, ficando indeciso sobre qual d'ellas obteria a primazia. Relativamente, pondo em conta a abjecção a que estava votada a negra, a balança de sens juizos propendia contra a branca.

— E' admiravel ! accrescentou. Se estivesse em Portugal, juraria por todos os santos do calendario que um filho d'África valia tanto como um macaco ! Até Moysés, creação hybrida, mescla de diversos sangues, nos actos é um gẽtilhomem de boa estôfa !

No dia seguinte vamos encontrai-os em animado colloquio.

O sol somia a fronte no arrebol anri-rozeo da tarde.

Em face á vivenda, annoso umbú espalmava os galhos. As raizes erguidas em socalco formavam commodo assento. N'uma d'ellas está sentado Moysés com o pequeno de Avençal sobre os joelhos. Ao lado Amaral n'uma d'essas poltronas classicas de espalido elevado, forradas de couro lavrado de S. Vicente, com tachões amarellos e as pernas em cruz.

A restea loira do crepusculo doirava a paisagem.
Era um soberbo painel.

De vez em vez Moysés osculava a face do pecurrucho adormecido, em cujo sorriso adunava-se o tenue raio da tarde e o raio da innocencia.

— A vingança é dôce, mas os fructos são amargos. Eu que o diga o quanto custa. Não fossem uns endemoninhados botes de espada, estaria a essa hora tranquillo no solar de meus avós.

— Mas... isso de matarem crianças como a pèrros... Caramba !

— E' horrivel, é ! ..

— Só tigres ! só tigres !... José deve ser forte, valente, guapo, manejador de toda a casta de armas : flecha, pistollão, mosquete, adaga, lança, e mais coisas ainda ; deve atirar o laço desembaraçado e reter o mais chucro dos novilhos, jogar bolas de manieras a não perder um tiro. Seus inimigos, peço que penso, são todos campeiros.

— Emquanto ao que sei, homeni, bem ou mal ha de sahir-se ; mas lá de frecha, adaga, bolas e laço.... Caspite ! nem sei por onde tomar-as.

— Não dê cuidado a V. mercê ; aqui passo um anno e... caramba ! verá que o muschachito tira-se melhor que o mestre.

— E os adversarios ?

— Irei desencaval-os, inda que nas bibócas do inferno.

— E se o matarem, o que não é difficil de prever em negocios assim.

O mulato sorriu e ajuntou :

— Matarem o menino ! Deos não seria Deos, e poderiam dizer que Moysés, mal avisado andou, quando tomou a espingarda para viver nos matos. Se me chamasse Moysés de Avençal, não esperaria tanto tempo, em pessoa iria buscar-os um per um e esmagar-lhes a cabeça..... raça de cobras !

XVI.

Volta aos pagos.

O menino cresceu. O rebento fez-se tronco. Porém, a harpa fremente de seu coração vibrava a uma idéa fulminante, fibra por fibra estremecia a uma só palavra do vocabulario das paixões humanas : — Vingança !

Vingança ! ? Vertigem do ultraje, ebriez de sangue, desforço da honra e simultaneamente justiça fóra dos codigos !

Vingança ! ? Mancenilha, — pomo de ouro no galho, no labio fél e veneno !

Vingança ! ? Abraço da alma sorridente n'um sonho e da alma esmoida no ecúleo de angustia !

Vingança ! E's tu tambem uma das sombras a embruscar os traços magistraes do character rio-grandense, falha que ninguem pôde, nem

deve occultar. Que importa, no entretanto ?! Talvez seja o quinhão ou partilha dos povos cavalheirescos, a quem a hospitalidade, a lha-neza, a honra e lealdade parecem antes virtudes innatas do que obediência ás leis do dever ou o resultado de obrigações moraes. Lá no fundo de seu deserto, envolto no largo caftan, como o arabe se assemelha comtigo ! Como a propria generosidade, que tanto o distingue, parece arrancar-lhe do imo do peito o grito de odio e morte, quando foi cruelmente offendido ?

Avençal, róta a chrisálida da puericia, não via outro fanal nos horisontes da mocidade. Crescêra elado a um sentimento que tudo fazia recordar, ora a voz insinuativa e grata de Amaral devassando-lhe os segredos da esgrima, ora a sollicitude maternal de Moysés preparando-lhe o braço nos rudes manejos do campo.

Infante, não teve outra balata acalentando-o no berço ; homem, não tinha outra róta a seguir. Era a fatalidade d'uma romagem : a herança que o punhal do assassino codicillara na garganta ensanguentada de seus paes.

O céu diria a elle pela voz do Evangelho : O perdão resgata o crime.

A logica das paixões dizia-lhe : A nodoa de sangue lava-se com sangue.

Fôra forçoso obedecer aos proprios pensamentos pessoaes, e aos dictames d'uma educação recebida e conforme ás leis que todas as idades tem chamado de honra.

A vingança o armara, ella só devia desarmar-o um dia.

O cavalleiro nada descurou ; mais previdente que o caçador, juntára aos predicados corporeos os predicados do espirito. Iniciou-o nos conhecimentos a seu alcance. Deu-lhe mesmo uma tintura da arte heraldica, que emfim de nada servia para o moço, mas que satisfazia um dos gostos especiaes do preceptor, evocando recordações européas. Quem censurará o esméro e cuidados para lance tão tremendo ? Quem ? Se a propria historia louva em Amilcar o odio que perpetuou no filho desde tenros annos ? Que tamanha differença existe entre patria e familia, duplices origens de sentimentos identicos e fecundos, fôcos luminózos na esphera da vida social, cujos effluvios se embebem, amalgamam, liquescem confundidos e se entornam na mesma ambula — o coração ?

Arranquem a viscera que os produz, e, morto o homem, eil-os destruidos para sempre nas desoladoras ruinas da humanidade. Então — vingança —, como todos os sentimentos bons ou máos, sublimes ou repugnantes, não será mais que uma articulação sem sentido, acordando o silencio d'um êrmo, o hieroglypho estampado na pyramide d'uma raça extincta.

José de Avençal attingira os desoitos annos.

Em casa de Amaral havia grande reboliço. Corriam d'aqui para ali, em continua dobadorra. Ajonjavam bois, enfrejavam cavallos, carregavam carros, os homens de guerra poliam as armas. Balburdia por toda a parte. Dir-se-ia que marchavam á grande expedição, como um inagote de bandeirantes em vespera de partida.

Afinal sahiu a caravana.

A mulher do cavalleiro, a negra que salvara o moço, e os escravos que auxiliaram n'a, tambem seguiam na comitiva.

Decorreram muitos sôes em viagem

Uma manhã foram surprehendidos por Moysés que trazia o concurso de seus guaycanans.

O que era ? Para que levantar tantos escarcêos ?

Iam installar Avençal em seus dominios como « legitimo senhor de juro e herdade » na phrase da antiga etiquetta mantida por Amaral no bando que mandou deitar entre a gente reunida.

Chegaram em pouco na estancia que, se com a catastrophe de 1813 ficára durante dois annos uma tapêra, depois pelos cuidados de Moysés prosperára mais que em mãos do primeiro dono.

A' chegada festas e brodios, « arruidos e folgares, » como dizia esfregando as mãos jovialmente o cavalleiro, autor de tanto barulho.

Avençal não sentiu alegria, como era natural. Abalou-o funda commoção apenas viu o theatro do sanguinolento drama, onde paes e irmãos haviam succumbido sob o punhal vibrado por mão covarde, traiçoeira, infame e anonyma, pois nem tivera a coragem de deixar um signal, a assignatura pela qual se a reconhecesse !... Seu peito arfou semelhante à primeira mareta formada ao cahir da tempestade. Soltou das arcas um gemido de cruciante magoa e desespero... Foi laboriosa a systole, suffocava-o, todo o sangue affluira em tufos ao coração.

Quiz fallar.... nenhuma palavra !

Accudiu-lhe aos olhos copioso pranto, refluxo salutar do soffrimento, rocio vivificante na extenuação da vida, que, como a aura suave e o orvalho das nevoas erguendo a flor debruçada no hastil, ergueram sua fronte pendida.

— Diz onde o encontrarei, Moysés.... Diz e irei buscar-o além do mundo.

O caçador já desesperava por tal época de levantar o véo ao mysterioso acontecimento. Todavia tinha esperanza de, mais dia, menos dia, descobrir um só vestigio e tanto bastaria para achar o resto. Era o seu fio de Ariadne.

Conversando comsigo, sempre repetia entre dentes :

— Deixa estar, theatino fuá, has de dar a mão e depois corcoveia e verás !

IRIEMA.

(Continúa).

RISOS E LAGRIMAS

ACTO 3.º

QUADRO 3.º

A mesma decoração do 1.º acto.

SCENA I.

Baronesa e um criado.

BARON. (dando ao criado o bilhete que acaba de escrever).— Sem demora, à casa do commendador Torres. Não voltes sem a resposta. (Ouvem-se palmas). Vae ver quem bate.... Se fosse o commendador, que ventura!

CRIAO (annunciando).— O Dr. Benjamin.

BARON. (agitada).— Dize-lhe que não estou em casa...

CRIAO.— Porém... eu...

BARON.— Sempre és um imbecil!... Manda-o subir, e vae depois executar as minhas ordens...

SCENA II.

Baronesa e o Dr. Benjamin.

DR. BENJ.— Bom dia, querida baronesa... Aposto que me não esperava tão cedo?

BARON.— Escapou por um triz de me encontrar...

DR. BENJ.— Vai sahir então?

BARON.— É verdade, preciso ir à casa...

DR. BENJ.— Advinho, vae visitar o poeta... Talvez o encontre cadaver. V. Ex. applicou-lhe o caustico justamente sobre o coração e não ha a menor esperança de salvamento.

BARON. (sorrindo).— Está brincando sem duvida.

DR. BENJ.— Fallo serio. Julio d'Aguiar está morto ou louco á esta hora. V. Ex. teve uma coragem inaudita !...

BARON. (tremula).— Não creio, está gracejando... (à parte) Será possível !

DR. BENJ.— Porque descora assim, baronesa ?... V. Ex. treme, ?,... Ah ! ah ! ah ! já serão effeitos do remorso ?

BARON. (com odio).— E quem induziu-me ? Não foi por ventura o Sr. ?...

DR. BENJ.— Valha-me satanaz ! V. Ex. faz das snas e depois quer tornar-me cúmplice ! .. Em todo caso morre o nosso poeta de uma molestia rarissima n'este seculo em que o amor é um calculo e o casamento uma convenção. Exemplos peregrinos, não é verdade ?... Os grandes amôres trazem fadarios luctuosos !

BARON.— Mudemos de assumpto...

DR. BENJ.— Tem razão, estas conversações serias entre nós causam o mais insupportavel tédio. V. Ex. sabe muito bem que sou um homem incorrigivel, como sei até a evidencia que não seria capaz de operar em V. Ex. o milagre da redempção !

BARON. (com desespero).— Pois ainda quer mais provas do meu amor ? !

DR. BENJ.— Queria a ultima !...

BARON. (idem).— Nunca, impossivel !...

DR. BENJ.— N'esse caso...

BARON.— E onde estão as suas promessas ? Como ha de cumprilas, se renuncia o meu amor, os meus extremos, este affecto que só o Sr. poude inspirar em minha alma ? ! Peça-me o que quizer, menos esse sacrificio ; mande, e obedecel-o-hei cegamente, como escrava humilde !... (ajoelhando-se).

DR. BENJ.— Levante-se, baronesa ; estas scenas... são ridiculas !

BARON. (erguendo-se).— O Sr. é um homem sem alma !

DR. BENJ. (com sarcasmo)— V. Ex. onde tem a sua ?

BARON.— Coração de bronze ! Ri-se agora ; moteja em vez de respeitar a victima !... Ah ! mas não ha de triumphar, juro-lhe eu, ainda que amanhã o meu nome seja infamado nas praças publicas ! ... Pôde ir propalar aos seus amigos que a baroneza de Tapagé foi sna amante !... Diga-lhes que ..

DR. BENJ.— Acalme-se, baronesa ; se assim continúa, desperta a curiosidade dos criados !... Ama-me então seriamente ?...

BARON.— Basta, Sr., nem mais uma palavra ! Não se esqueça que está em minha casa !

DR. BENJ.— Confesse, baronesa, quantos amores tem tido depois que enviuvou ? Quantos amantes antes de conhecer-me ?

BARON. (tocando a campainha)— Basta de obedecer !... (Quer falar ao criado que apparece, e não pôde).

DR. BENJ. (ao criado).— A senhora baronesa estava pedindo agua, porém já não é preciso. (O criado retira-se). (Approximando-se da baronesa) Dir-se-ia que V. Ex. transformou-se em estatua como a mulher de Loth !... Ah ! ah ! ah !

BARON. (supplice).— Matê-me, Paulo, mato-me de um só golpe, mas não me flagelle assim, não me enlouqueça! Imploro lhe compaixão, aqui me tem outra vez à seus pés, diga que me ama, porque mereço o seu amor! . . . Piedade, Paulo, não escarneça, não me torture tanto o espirito.... Já tenho soffrido demais por sua causa . . . (lacrimosa). E' ser muito inexoravel escarnecer em face da victima!

DR. BENJ. (levantando a).— V. Ex. falla em victimas!... (depois de pausa) Quando a mulher descae um dia do pedestal sublime onde a mão do Senhor a collocou, é porque essa mulher não tinha forças para subjugar as paixões mundanas; resvalou no pendor do erro, porque era fraca e não podia resistir à lucta da materia com o espirito. O fim de V. Ex. devia ser irremissivelmente desastroso! V. Ex. contaminou-se ainda muito cedo na alta sociedade; foi nas salas aristocraticas que esperdiçou os dias insontes, vólteando em torno a pyra das seduccões!... Mentindo a uns e sendo illudida por outros, roçou afinal as azas de anjo na charneira impura dos desejos sensuaes e como por encanto viu-se de um dia para outro isolada! A mesma turba que thurificava V. Ex., murmurou ao depois; à lisonja seguiu-se o estigma infamante!... Com tudo, V. Ex. casou se, e seu marido dava-lhe em troca da deshonra um titulo nobiliario!

BARON.— Cale-se por piedade! E' cobardia ultrajar uma mulher!

DR. BENJ.— V. Ex. tem precedentes notaveis!... Escute me ainda. Quando pela primeira vez entrei nesta casa, no dia em que tive a suprema honra de penetrar no palacio do V. Ex., (já lá vão 3 mezes) desde logo reconheci que um homem a requestava.

BARON.— E' demais, já não me posso conter!

DR. BENJ.— Depois tive a coragem necessaria para seduzil-a e no fim de 13 dias, no curto espaço de meio moz, V. Ex. repellia a còrte d'aquelle para aceitar a minha. Nunca pensei que V. Ex. fosse tão facil!

BARON.— Cale-se!

DR. BENJ.— V. Ex. é realmente uma Omphalia! . . . Está chorando, baronesa?... E' verdade, não devo importunal-a mais... Até logo. Hei de voltar para conhecer então quem é o Dr. Paulo de Benjamin. (Sae).

SCENA III.

Baronesa e depois o criado.

BARON (cóm odio).— Infame!... Seja qual fôr a minha expiação, juro que não realisarás esse casamento! Basta de ser escrava!...

CRIADO (annunciando).— O Sr. commendador Torres.

BARON.— Acompanha-o até aqui. Eis um raio de esperança!

SCENA IV.

Baronesa e o commendador Torres.

BARON. (apertando-se as mãos).— Esperava-o anciosa.

COMMENDADOR — Teria vindo logo que recebi o bilhete de V. Ex., porém demorou-me um negocio urgente.

BARON (indicando ao commendador a cadeira junto ao sofá). — Sabe quanto possuo, commendador?

COMMENDADOR (sentando-se) — V. Ex. deve possuir (calculando) approximadamente mil contos de réis... mil contos mais ou menos.

BARON. — Calculou bem (pausa). Como V. Ex. foi intimo amigo de meu marido, e tenciono dar um passo arriscado, preciso consultal-o, antes de o fazer.

COMMENDADOR. — Um passo arriscado ?! (à parte) Algum novo romance.

BARON — Da sua approvação ou reprovação vai depender o meu destino. Penso em casar-me

COMMENDADOR. — V. Ex. está gracejando.

BARON. — Não sei porque se admira tanto ! Amo e sou amada. (Adelaide apparece à esquerda e occulta se de quando em quando) O ciuime levou-me à excessos... O ciuime é sempre assim ; leva-nos até ao crime muitas vezes ! Porém sinto-me hoje mais feliz do que nunca. Estou convencida de que me ama, porque ouvi de seus labios a phrase sublime de uma paixão incendida !

COMMENDADOR. — E poderei saber quem é o futuro marido de V. Ex. ? Naturalmente o Dr. Benjamin....

BARON. — Julio d'Aguiar. (Adelaide mostra uma terrivel emoção).

COMMENDADOR (com espanto). — O Sr. Julio d'Aguiar ? !...

BARON. — Jesus, que admiração faz o commendador !...

COMMENDADOR. — Não é para menos, baronesa !... (à parte) Que tratante !

BARON. — No entretanto, commendador, uma cousa me preocupa seriamente. Julio é moço e sobre tudo cheio de elevadas aspirações... A's vezes vacillo; não sei porque um véo de tristeza desce até a minha alma e arreceo-me do futuro... Se tivesse 20 annos não faria a menor reflexão, porém hoje... tenho soffrido tanto n'esta minha vida !

COMMENDADOR — Mas desde que V. Ex. tem certeza de que o Sr. Julio d'Aguiar...

BARON. — Se tenho certeza do seu amor !...

COMMENDADOR. — Então... n'esse caso... qualquer alvitre seria desnecessario.

BARON — Julio fingia amar Adelaide para despertar-me o ciuime. Na ultima partida que dei, porém, n'um d'esses momentos de arroubos, abrazamo-nos nas chammas ethereas de um amor indeffinivel ! Que noite feliz !

COMMENDADOR — Então o que honve, aquella ? !...

BARON. — Uma combinação apenas para arredar quanto antes Julio do coração de Adelaide.

COMMENDADOR. — Eu só tenho a dizer que V. Ex. já conta alguns annos de experiencia. O que fizer está bem feito.

BARON (à parte) — Passemos á segunda parte. (Alto). Mas não foi só para isto que o importunei, commendador. Respondo pela vida de meu irmão. Não calcula como me dóe na consciencia não ter-lhe

prestado o auxilio que devia por todos os titulos. Reconheço que fui má ou caprichosa... Nunca, porém, é tarde o arrependimento, nem o beneficio... Trouxe a lettra? Estou prompta a resgatal-a immediatamente.

COMMENDADOR (confuso).— Se eu tivesse advinhado... se V. Ex. escreve-me duas horas antes. . Agora é humanamente impossivel.

BARON. (inquieta).— Impossivel?! Porque?!

COMMENDADOR.— Vendi-a...

BARON.— A quem?! E as suas pretenções então?!

COMMENDADOR.— Desisti.

BARON.— Desistiu!...

COMMENDADOR.— Reflecti melhor. Duas horas antes de receber o bilhete de V. Ex. já a lettra estava em poder do Dr. Paulo de Benjamin.

BARON. (como aterrada).— Em poder d'elle!!

COMMENDADOR (proseguindo).— Desisti por duas razões poderosas. A primeira porque realmente commettia uma loucura sacrificando 100 contos de réis por uma mulher... Não sou tão rico como por ahi supõem. A segunda porque não gosto de inimizadas com medicos... V. Ex. não imagina que inimigo terrivel é o tal Dr. Paulo de Benjamin!...

BARON.— O Sr. é um poltrão!

COMMENDADOR (em acto de sahir).— V. Ex. pôde dizer o que lhe approuver... está em sua casa...

BARON. (apontando-lhe a porta).— Retire-se!

COMMENDADOR.— Sempre ás ordens de V. Ex. (Sahe).

SCENA V.

Baronesa e depois Adelaide.

BARON.— Coragem, coragem agora até o fim! (Para Adelaide que entra). O que quer aqui?

ADELAIDE (com desespero).— E' verdade que V. Ex. vae casar-se com o Sr. Julio? l... Pelo amor de Deos, não me illuda; diga-me a verdade, baronesa, eu lhe supplico... Custa-me a acreditar, V. Ex. ..

BARON. (dando-lhe as costas).— Já fatigam as suas lagrimas!

ADELAIDE — V. Ex. não pôde avalia-l-as, porque nunca chorou talvez! (A baronesa encara-a com odio). Comprehendo agora tudo!.. Está explicado o seu empenho em querer unir-me ao commendaador Torres!... Custa pouco ceder o coração dos outros, quando se tem perdido o coração! ..

BARON.— Atrevida!

ADELAIDE.— Pôde insultar-me, aproveite o ultimo dia. Amanhã estarei bem longe d'aqui... Cumpra-se o meu destino, que não tem outro a engeitada!

SCENA VI.

As mesmas e Fernando de Magalhães.

BARON. (à parte)— Propicia occasião.

ADELAIDE (beijando a mão de F. de Magalhães).— Bom dia, padrinho.

F. DE MAG.— Porque tens os olhos arrazados de lagrimas ? !
(à parte) Como estou arrependido !

BARON.— O commendador veio procural-o para saber da resposta.

F. DE MAG. (à parte).— Meu Deos !

ADELAIDE.— Consultou-me hontem pela segunda vez e a minha resolução está tomada... Vou para um convento, meu padrinho.

BARON. (à parte).— Veremos quem ganha a partida !

F. DE MAG.— E julgas que serei capaz de consentir, Adelaide ? !
Nunca, minha filha, enxuga os teus olhos queridos !...

ADELAIDE.— Deixe-me ir, é o lugar das orphãs desvallidas e das engeitadas. Deixe-me ir, prefiro a tunica da freira ; mil vezes a solidão eterna do claustro a pertencer a um homem que nem me inspira amôr, nem odio. Ali ao menos, afastada d'esta sociedade que abomino, surda ao cortejo da miseria e da lisonja, eu serei feliz no meu isolamento. Antes os cilicios da irmã de charidade que esses mil ouropeis com que o marido adereça a victima de suas ferezas para occultar aos olhos ávidos da sociedade o pranto inconsolavel da virgem incauta ! Quantas não choram ahí amaldiçoando a familia, que lhes ergueu o holocausto ? !

F. DE MAG.— Tens razão, Adelaide!..

ADELAIDE.— Não sei o que tenho feito para soffrer tanto, nem o que devo o Sr. áquelle homem para querer sacrificar a minha existencial

F. DE MAG.— As tuas recriminações são justas...

BARON. (abatida; à parte).— Qual será o fim de tudo isto !

ADELAIDE.— Mas não posso, nem devo ficar mais um dia n'esta casa... Quero ir para fim convento... Sabe o que é perder uma esperanza que resumia um futuro ? !...

F. DE MAG.— Não te comprehendo !

BARON.— Adelaide tem razão de não ficar nem mais um dia aqui... Confesse : o Sr. pôz em almoeda o futuro d'esta menina!...

ADELAIDE (sorpresa).— Meu Deos !

F. DE MAG.— Alé a senhora ? !

BARON.— A mascara devia cair ! Vamos, tenha coragem !... Não é verdade que ia fazer de um penhor sagrado...

F. DE MAG. (baixo à baronesa).— E o que fez de sua honra ? (Em acto de sahir).

BARON. (aterrada).— Ah !...

ADELAIDE (chamando).— Meu padrinho, meu padrinho ! !

F. DE MAG. (voltando-se do fundo).— Ella tem razão ; teu padrinho é um miseravel ! (enxugando os olhos).

ADELAIDE (cahindo-lhe aos pés).— Oh ! essas lagrimas só derrama o coração de um pae !

FIM DO QUADRO 3.º

TANCREDO.

VI.

Tinham decorrido tres mezes.

Já não estamos no estio, reina o outono triste e merencorio como as brumas do crepusculo, despindo as galas com que as estações passadas adornaram a natureza...

Já o alaúde do sabiá traduz a melancolia da solidão e a floresta transforma-se, porque a estação que impera arranca-lhe as roupagens verdejantes e amarellece-lhe a côma, onde se ouve o cicio não interrompido das folhas que cahem.

A viração que corre, não vem mais arroubada dos perfumes dos rosaes, nem da poesia das auras estivas.

Mas deixemos o outono e a natureza em suas transições o reate-mos o fio de nossa narrativa.

Procuremos os protagonistas.

Onde vives, Tancredo?

Teu amor, poeta, é ainda existencia bafejada com o halito da fé ou reminiscencia de um sonho esvaecido no embryão?

Acaso o simum destruidor feneceu em sua passagem as flores delicadas que teu coração brotou tão cheio de entusiasmo e de crença?

Joven peregrino, cançaste na romaria, ou nella não encontraste o marco, onde podesses roupousar a fronte suarenta, ou o regato que saciasse tua séde febricitante?

O que tens, romeiro?

Tua fronte aureolada de mocidade, aninha uma ruga que surge como um ponto negro n'um horisonte côr de rosa... Teu olhar lampeja como a chispa fulgente que rasga o manto de velludo negro do céu tempestuoso e tua face pallida parece que velou a noite do sepulchro de uma convicção...

O que é isto, moço?

São zêlos...

E quem amou, que não os teve ?

Não machuques assim teu coração juvenil com uma leve desconfiança, nem aljofres com lagrimas a quadra dos sorrisos...

E tu, anjo da mocidade, abre as azas alvinitentes e abriga, espargindo perfumes da flor da esperança, sua fronte que pende alquebrada pelo desalento.

Sentir o desanimo no verdor dos annos, na idade dos sonhos e illusões é cobrir com crepe a alma rescendente de crenças e fazer o coração assistir em vida seus proprios funeraes.

Não, Tancredo, teus vinte annos repellem essa velhice prematura, que jámais poderá apagar o fulgor da estrella de teu porvir, não tens a descrença n' alma, mas sim o scepticismo no coração ; o que te abate é a duvida e não o desengano.

Corramos a cortina que intercepta as scenas passadas nestes tres mezes.

Tancredo não frequentava a casa de D. Margarida e fugia sempre das occasiões opportunas que podiam favorecel-o, ou nascidas do acaso ou proporcionadas por algumas pessoas de sua amizade, que conhecendo a affeição de ambos os jovens e com ella sympathizando, queriam com a convivencia, entrelaçar a inclinação que nascera de um para outro; mas o moço evitava, dizendo comsigo :

Marina não é o ideal criado para esvaecer-se á primeira rajada da realidade, nem a flor colhida nas minhas correrias de moço, para perfumar algumas paginas do livro da juventude...

Não, minhas pretenções aspiram mais ; quanto tem ellas de nobre e puras !

Quando minha posição social conceder-me recursos com que não escassêe o necessario para partilhar com uma outra pessoa, eu não terei necessidade de ser apresentado; apresentar-me-hei sem auxilio de ninguem, e dir-lhe-hei :

Amo-te, Marina, foste a esperança de meu passado, sê tambem a fé do meu futuro, vem commigo povoar a solidão do meu lar, onde não existem minas de ouro, mas ha thesouros de amor infinito !

Vem commigo. Eu converterei em flores o caminho que trilhar teu pézinho de fada, embora a terra ahi árida, só brote cardos ; quebrarei as cadeias do impossivel, nem jámais creerei em obstaculos, crendo em ti. Dir-lhe-hei tudo isto e mais que o coração dicer-me.

Não, não quero ser recebido ainda em casa de Marina, não irei emquanto não tiver a posição que almejo, modesta sim, mas necessaria para a felicidade minha e d'ella.

E de que me serviria frequentar sua casa, sem ter meios de realisar minhas aspirações ?

E se em vez d'esta resolução, me relacionasse com D. Margarida e a visitasse e a fortuna adversa que me persegue, persistir em acompanhâr-me, forçando a espaçar por mezes, um anno ou mais de um, porque minha união com sua afilhada pende de uma questão de tempo; minha amizade e assiduidade não deporiam fortemente em desabono de Marina, quando a calunnia prompta a envenenar as intenções mais

puras, arremeçasse seu nome tão caro para mim, aos commentarios do mundo tão avido de chronicas escandalosas ?

Por certo que sim. Eu não irei aos pés d'ella derramar minha alma apaixonada n'um extasi, mas tambem jámais trançarei uma corôa de espinhos, para enlaçar sua frente de anjo.

Não irei. Se ella ama-me, não será necessario que eu lhe diga que espere-me ; esperar-me-ha porque, quem ama, crê e tem fé ..

Se não amar-me... subirei o Golgotha resignado, abraçarei a cruz, esfolhando as saudades de minhas primaveras perdidas, e na impossibilidade de um futuro risonho que sonhei, viverei do passado tão cheio de affectos, bebendo nas recordações o balsamo do consolo.

.....
 Quem não approvará essa linguagem filha de uma alma delicada e nobre ?

Quem reprovará o procedimento tão louvavel do virtuoso moço ?
 Ninguém...

Vejamos agora, que sabemos já as causas porque Tancredo não buscou relacionar-se com D. Margarida, se os seus zêlos tem os mesmos fundamentos e a mesma equidade em que basea-se seu procedimento tão louvavel quanto honesto.

A duvida que grassa no coração do jovem será bem funda ?

As roupagens puras de Julieta terão sido trocadas por Marina pelos vestidos cortezãos de Dalila ?

O coração da virgem embeberá tão cedo o philtro venenoso da traição, ou a alma apaixonada do moço é ciosa de mais, porque muito ama ?

Quem sabe... tudo é possível... busquemos porém a realidade, abandonando o terfeno das supposições.

VII.

Zêlos !...

Que estrophe de amargura é essa que desata a lyra dos amores, entrecallando endeixas entre os carmes doces e suaves, que o aiaúde da alma apaixonada solta ?

O que sois ?...

Qual mão estranha tocando a pudica sensitiva, que retraihe-se medrosa e tímida, assim os zêlos fazem curvar a frente entristecida do Tancredo.

Zêlos !...

Que sentimento é este que cresta o sorrizo nos labios e esvaece no coração a esperança em flor ?

O zêlo é a duvida, e a duvida atrophia o coração que ama.

Mas quem amou, que não os teve ?...

E quem amou que não sentiu o sangue galopar nas veias, o coração entumecer dorido, e a frente empallidecer tristonha a essa palavra — zêlo ?

A duvida mata mais que o desenganho, alimenta illusões para logo desfazel-as, brota a luz para a espancar com as trevas, aviva a fé para

arrojal-a com mais vehemencia na pyra incendiaria do sacrificio, immolando mil convicções nobres no athaude da descrença.

A duvida— é o suicidio moral n'um corpo com vida, é a agonia do espirito.

E' ella que cria um mundo infinito e um horisonte sem raias, oceano sempre revolto, patria do vendaval e ninho da vaga que em cada espanejo cava um tumulo, onde soçobra a vela alvacentá da esperanza.

Mas . . agora que nossa leitora sabe que a ruga que sombreia a fronte pallida do moço é filha d'um sentimento profundo, é preciso que narremos como nasceu essa desconfiança em seu coração susceptivel.

N'um dos capitulos precedentes dicemos que Tancredo desde que abandonára os velhos habitos de sua solidão, quasi que diariamente dedicava uma hora de passeio para ver Marina, momento de magia e encanto que elle sentia, e unico passo que o timido moço ousára dar em favor de seu modesto amor.

Assim tinham decorrido trez mezes, nos quaes Tancredo colhera sorrisos em sua romaria, como esperanza em seus amores, sem que uma nuvem negra sequer toldasse o céu dourado de seus sonhos...

Assim tinham decorrido, mas o tempo que tudo muda, criava uma nova phase, rasgando a gase de um novo horisonte, ainda encoberto na penumbra do futuro.

Uma flor mimosa e linda tem sempre admiradores:

Marina era bella, valia uma luta . .

Tancredo tinha um rival.... eis a explicação aos soffrimentos do moço. Pertence-nos agora procurar seu adversario no meio d'este turbilhão de povo que passa, para apresental-o á nossa leitora.

Busquemol-o.

Eis ali um vulto que destaca-se no meio da turba . .

Bellos dotes, phisionomia agradavel, ademans de cavalheiro e figura aristocratica, são qualidades que distinguem o jovem Jorge da Silva.

Tem apenas vinte e trez annos, é capitão, senhor de uma fê de officio que segundo dizem, conta desesete combates, treze cicatrizes e não sei quantas commendas e habitos

E' filho do norte e natural da cidade de Onro Preto.

Qualidades accessorias orná em profusão o jovem guerreiro; collega algum excede-o na delicadeza e mimo com que ata um laço em sua banda, nem habilidade de calçar uma luva de pellica branca para um dia de gala; traja com gosto e á *parisiense*, porque desagrada-lhe o trabalho nacional; é moço de espirito e gosa da reputação de possuir uma intelligencia não vulgar.

Eis nem mais nem menos o rival de Tancredo.

Para cumulo de felicidade Jorge soubera attrahir a sympathia de D. Margarida, que boamente concedia-lhe a palma de superioridade sobre Tancredo, quer pelo lado social, quer moral; muito embora não conhecesse intimamente nenhum dos dois moços, o que tornava impossivel um juizo seguro.

D. Margarida pertencia á essa classe de pessoas que quando advogam uma opinião, sómente consideram a boa causa de seu lado.

Por isso, quando encontrava a afilhada com a fronte inclinada sobre o peito, como recolhida em uma profunda meditação, momentos estes em que talvez Marina buscasse ante sua consciencia uma solução aos acontecimentos que marchavam, ella evitava-lhe uma insinuação esperando uma resposta que fosse favoravel ás pretensões de Jorge, seu protegido.

— Quem pensa, não caça, Marina, dizia D. Margarida, servindo-se do velho annexim popular, para conseguir desvendar os intimos pensamentos da jovem.

A moça sorriu-se, ainda que contrariada..

Dir-se-ia que a aza da phalena em seu adejo, roçara a sensitiva que retrahia-se ferida em seu pudor angelico...

— Penso em cousas mais futeis do que sérias, meus pensamentos voam bem longe do ponto onde os julga...

— Bravo!... proseguiu D. Margarida com malicia, não posso deixar de admirar tanta discripção em tão verdes annos..

— Madrinha, replicou a moça amuada, tentando por este modo evitar uma conversação que podia arrastar o desenlace sobre o assumpto; já vejo que quer advinhar à força.

— Eis o que chama-se vaidade de moça bonita...

— Como assim! ?

— Simplesmente. Não é necessario muita perspicacia para saber o que vai por uma cabeça de deseseis annos como a lua, ornada com os primores da belleza e aureolada com os tributos da admiração...

— Disse muita cousa bonita, continuou a moça sorrindo-se, mas sem ter advinhado nada.

— Com razão justificada, porque não concedeste-me liberdade para expandir-me.

— Fica concedida toda, minha madrinha, diga-me qual era a causa de minha meditação, já que se mostra tão cheia de sua penetração.

— Presta-me atenção e escuta-me. Imagina que esta sala modesta em que achamo-nos, converte-se pelo poder de minha palavra em um jardim, e que cada objecto que encerra, não excluindo-te mesmo da minha collecção de objectos...

— Muito agradecida..

— Torna-se pelo mesmo modo uma flor...

— Ah! e eu passo a flor?

— Sim, e como de todos és o de mais valor, faço-te rosa, que entre suas irmãs sempre symbolisa a realeza...

— Muito bem, serei a rosa; mas Vmc. o que será minha madrinha? interrogou a moça inteiramente interessada pelo castello no ar, debuxado por D. Margarida.

— Curiosa, sou a jardineira, sendo tão cumpridora de meus deveres, que estou dando tratos à imaginação para saber que pesares tem minha flor predilecta que encontrei-a pendida no hastil, envolta n'um mar de scismas...

— E sabe já a causa dos tristores da filha dilecta do seu jardim?

— Sei, embora custasse-me muito trabalho e não pouco estudo, é uma historita bonita, que vou contar-te...

— E eu estimo, estou gostando tanto de ouvir-a...

— Lisongeira !... Ouve-me, sem licença de me interromperes.

— Ha duas creações na natureza, que sempre teem um prestigio justo, preitos entusiasticos; são as mulheres e as flores, entes inseparaveis e tão ligados entre si que não podem amar um sem admirar o outro, ambos inspirando amores a quem sabe venerar o bello.

Foram estas as causas que tornaram entristecida a minha flor predilecta, um colibri e uma borboleta rendem-lhe vassalagem, e ella inclinada no hastil pedia a seus pensamentos intimos uma solução que não é mais nem menos do que uma escolha. Está finalisada a historia promettida.

— Concluida ! ! ?... Sua historia é um enigma indecifavel, minha madrinha, se não quer que eu a ignore, ponha-a mais visivel á minha pobre intelligencia.

— Pois bem, recorramos ainda á imaginação que é sempre fertil em recursos. Imagina que a flor, heroína da minha historia, és tu; que os dous vassallos são os dous pretendentes que aspiram teu amor e terás facilmente o enigma decifrado.

— Marida enrubecera com um desenlace tão inesperado; tarde conhecia os rodeios feitos por sua madrinha para desvendar os arcanos de seu coração de moça. Sentindo-se então ferida em sua vaidade por ter quasi cahido no laço armado por sua mãe adoptiva, jurou consigo não abrir o livro de sua alma senão para si, e deixando de lado o agastamento que lhe inspirava semelhante procedimento, disse com um sorriso forçado :

— Muito grata lhe sou, madrinha, pelo papel de protagonista que concedeu-me em sua historia.

— Com sinceridade, Marina, não era uma escolha, entre dous pretendentes que fez-me encontrar-te meditaliva ainda ha pouco ? E na balança de tua consciencia não concedeste o melhor quinhão á Jorge, que com justiça não se pôde negar-lhe ?

— Que ! pois é possivel, disse a moça erguendo-se, que quem sabe adinhar, esteja ainda em duvida ! ? Ah ! já vejo que a madrinha lê a buenadicha por vaidade...

— Dizes bem, replicou D. Margarida, assim como tu és discreta por capricho.

— Ora !... finalisou a moça soltando uma risada, e retirando-se da sala enquanto D. Margarida despeitada ficava murmurando entre dentes :

— Meninas !... meninas !...

(Continúa.)

A MORTE DE UMA FLOR.

N'uma aldêa visinha d'esta cidade, habitava ha poucos annos uma familia, que se recommendava sobretudo pela austeridade de costumes, e pela lhaneza com que obsequiava os viajores que a demandavam em busca de repouso para as fadigas da jornada.

Dois velhos e uma linda menina — compunham essa feliz familia.

Aquelles, chegados ao ultimo quartel da vida, consagravam o tempo em resar as suas contas e dar conselhos à interessante mocinha sua neta.

Delmira era extremamente amada por seus avós, que nella admiravam a peregrina belleza da filha que Deos levára para si na primavera dos annos.

Educar a neta nas virtudes que faziam o ornamento da filha ; ensinar-lhe os preceitos da religião christã ; repetir-lhe lições de sã moral, — tudo isso era tarefa que os bons velhinhos desempenhavam gostosamente.

Um dia Delmira sahiu a passear pela campina com permissão de seus avós.

Era n'uma d'essas magnificas tardes de Setembro.

Que delicia ver as longas latadas de rosas a inundarem a campina com o seu dulcissimo arôma !

Que magico encantamento para as almas poeticas contemplar as arvores cobertas de folhas, as flores a ornarem os campos, e a brisa em brando cicio entoando um hymno ao creador de todas essas magnificencias !

Horas de poesia ! horas propicias, em que o deus do amor percorre deliciado a extensão do valle, tocando com a ponta da setta aquelles que encontra no seu caminho !

Tu lá estavas, Delmira ; tu permanecias estatica diante de tão soberbo espectaculo, ainda mais realçado pela purpura do firmamento e pelo prateado das aguas ao reflexo do sol.

De repente notou Delmira que ao longe se erguia um monte de poeira.

Julgou que fosse isso prenuncio de tempestade, e por mais esforços que fizesse para recolher-se à casa, estava immovel ; parecia que uma força occulta a prendia no lugar onde parára.

A poeira mais e mais se foi approximando, até que Delmira pôde distinguir o vulto de um homem, que montava um fogoso cavallo.

O seu coração estremeceu nesse momento, mas a sua agitação era inteiramente desconhecida para a donzella; um novo sentimento a inspirava.

O vulto appróximou-se.

O cavallo vinha furioso; e as instigações do cavalleiro ainda mais accendiam-lhe as iras. Assim foi que n'uma carreira vertiginosa o cavalleiro foi ao chão, e o cavallo á disparada sumio-se entre arvores que ficavam junto ao mar.

Delmira correu para junto do cavalleiro, que era um esbello rapaz de 28 annos mais ou menos.

O moço tinha um leve ferimento, mas estava semi-morto de cansaço, visto que não pudera conter a marcha phrenetica do animal.

Delmira conduzio-o á casa e apresentou-o a seus avós, contando-lhes fielmente o successo que se acabava de dar.

Ajudada dos bons velinhos, Delmira dispensou toda a sorte de cuidados ao hospede, velando noites inteiras á sua cabeceira, depois que uma imprudencia do moço tornou de gravidade a ferida.

Antonio Maria era um mancebo impaciente, que ardia em raiva por causa do fatal incidente, que viera difficullar ou demorar a marcha regular de seus negocios.

Delmira pouco vivia já para seus avós; a maior somma de carinhos era para o seu doente, a quem acompanhava algumas horas no dia e durante toda a noite.

E' que a pobre menina não via mais em Antonio Maria um indifferente, que um acaso trouxera á sua casa, e que seria esquecido ao dia seguinte do seu restabelecimento e partida; Delmira sonhava um mundo de felicidades e indefiniveis delicias nos braços do homem para quem o impulso do coração a attrahia.

Amar em silencio! Que martyrio não deve ser suffocar no peito as pulsações vehemente, abafar nos labios ungidos de amor a expressão que traduza o sentimento que nos enche a alma!?

Que cousa terrivel para a jovem Delmira amar com o fogo dos 15 annos, com a força de uma primeira paixão, e ter de occultar a todas as vistas a luta atroz em que se achava empenhada!

O resultado é que Delmira ficou extenuada de forças; as roseas faces tornaram-se pallidas; os labios de anjo não mais se entreabriram n'um riso, que resumia um poema de ineffaveis venturas.

Delmira cahiu doente quando Antonio Maria obtiuha licença para erguer-se do leito, e fazer curtos passeios pela manhã e ao cair da tarde.

O moço não voltava da sua digressão sem trazer á sua enfermeira uma flôr colhida no campo, cujo perfume ella sorvia a longos haustos, depositando-a depois junto á cama.

Completamente curado e já reanimado das perdidas forças, Antonio Maria despediu-se dos seus bemfeitores, protestando aos velhos perenne gratidão, e desejando a Delmira um marido, que pudesse dar o devido apreço a um thesouro de tão alta valia.

Que espluhos tão crueis a lancearem o coração da pobre menina !
Para não ouvir taes palavras, Delmira fôra capaz de fazer o sacrificio da sua existencia.

Ver morrer n'um instante os sonhos doirados que a sua phantasia creou; ver fugir o esposo que o coração escolhera, sem que nunca lhe houvesse dito uma só palavra de amor; sentir viuva a alma dos novos affectos que silenciosamente se foram nella creando, eram lances horriveis a que não podia resistir Delmira, já enfraquecida por alguns dias de molestia.

Os velhinhos tudo envidaram para salvar a desditosa criança, sobre quem concentravam todas as suas esperanças e affeições; mas estava escripto que mais uma pagina devia encher-se no livro dos mortos.

Uma manhã Delmira quiz despedir-se dos lugares onde se creára e que haviam sido testemunhas da ventura dos seus primeiros annos; não a dissuadiram do seu proposito as objecções feitas em contrario.

Sahiu; percorreu o seu jardim; osculou as flores iriadas de orvalho, que o vento da noite fechára e os beijos da manhã iam abrindo; pelos seus bellos olhos negros rolaram duas lagrimas, bastantes para expressar o sentir de sua alma.

Olhon para tudo com tristeza e voltou pausadamente para casa.

Os velhinhos seguiam-n'a, occultando as lagrimas que lhes humedeciam as palpebras.

Chegada à casa, Delmira tomou um espelho e olhou-se.

Que melancolico riso lhe pairou nos labios ! A victima resignada via prestes a consummar-se o seu sacrificio, e sorria talvez das transformações que a molestia lhe fizera nas candidas feições.

Depois dirigin-se ao oratorio e permaneceu largo tempo de joelhos toda entregue à oração. Delmira confessava-se à Deus, e pedia-lhe perdão de tudo haver esquecido para amar com todas as veras d'alma.

Os avós lançaram lhe a benção, e Delmira exhalou o derradeiro suspiro com as mãos erguidas ao céu e um riso angelico nos labios.

Pobre menina !

Morreu por ter amado tanto, sem ser comprehendida !

O seu espirito alou-se ao seio de Deus, e o seu corpo ao dia seguinte era levado ao cemiterio.

Infeliz Delmira ! o teu primeiro, o teu unico amor foi tambem a corôa do teu martyrio.

Flôr mimosa, nascida aos osculos da madrugada, acalentada aos raios benéficos do sol, pendeu na haste ao sopro da ventania da noite.

Um roço de brancas azas, passou sobre a terra immaculada, para ir ajoelhar-se aos pés de Deus.

Os velhinhos não sobreviveram ao golpe.

Tendo vivido da vida d'aquella menina, seguiram-n'a na morte !

POESIAS.

AFFONSO MARQUES.

Ananhã gelida a fronte
Das lutas na desventura
Quem sabe na sepultura
Nao sonharei mais em vao!

AFFONSO MARQUES.

Ali descansa um vulto no silencio !
Os olhos ja sem luz estao cerrados ,
Os labios sem calor:
A vida que inspirára aquella fronte
O *simun* passageiro arrebatara
Nos martyrios da dor !

Porque se perde o pensamento humano
Quando se arroja nesse chãos immenso,
E o não pôde vencer?
E' qual madeiro que no mar lançado
A' tona vive no vaivem das ondas
Sem nunca perecer !

O filho do Himalaya ardendo em creanças
Vai ao fundo do Ganges ver a morte
Quando pensa nos céos:
A chamma que refulge-lhe na mente
E' que além d'este mundo existe um outro:
E' o instincto de um Deus!

Millevoye, recorda-me o caminho
Que leva-nos da terra ao lar celeste
Além da cruz, do pó !
Ensina-me a vereda d'esse mundo,
Essa escada fatal com que sonhaste,
Como outr'ora Jacob !

Ah! se eu pudesse proscrutar o arcano
Que guarda a lousa solitaria e muda
Na tréva sepulchral !...
Problema santo que só Deus decifra:
Mas esperemos que se acorda o canto
De Josaphat no val !

Quando la da montanha o Nazareno
O suspiro final soltou pungente,
Toda a terra tremeu !
E perante as nações em lettras igneas,
Como as que Constantino viu nos arés
Mais um facto escreveu.

E o mortal ao nascer vé no horisonte
O sublimado signo do Calvario
Abrasado de luz !
E dentre os céos e o mundo levantar-se
Uma estrada risonha e florescente:
De Jesus Christo a cruz !

Eu pobre caminheiro desta vida
Trago as flores mais puras e singelas
— Da saudade e do amor.
E nessa cruz funerea que se eloya
Entre a minha existencia e a eternidade
Hoje as venho depór !

Oh! possam ellas lembrar que os sentimentos,
Que o pranto me derrama dentro d'alma,
Te pertencem, são teus !...
E vive lá no céo feliz e grande
Por sobre o pedestal de tantos louros !
Adeus, Affonso, adeus.

Agosto—1872.

J. C. L. BARRETO.

RECITADA N'UM DIA DE ANNOS.

Se quiz a sorte que privada fosses
 Dos mimos dôcos do paterno amôr...
 Que no teu dia natalicio, ao menos,
 Não venhão threnbos de afflictiva dôr!

Desça a alegria a illuminar-te os seios,
 Dê-te os enleios de um supremo gôso...
 Que apoz as luctas da procella escura
 Vem da ventura perenna! repouso.

Reviva a esp'rança no teu seio virgem,
 Demanda a origem do supremo bem,
 Semeia affectos no correr da vida,
 Busca querida, o que dos céos só vem!

E se algum dia te mostrar a sorte
 Que és pouco forte p'ra mundana cruz...
 Tens no meu seio maternal conforto,
 Tens p'ra o teu horto da minh'alma a luz!

Filha querida, neste dia ao menos
 Não venhão threnos de afflictiva dôr...
 Se deu-te a sorte da orphandade os louros
 Tens os thesouros do materno amôr.

Outubro—1872.

ATHOS.

Um beijo.

Meu anjo, escuta: s'eu ouzasse agora,
 Submisso às plantas de teu talhe allivo,
 Pedir em paga d'este amôr— um beijo
 De affectos cheio... d'um penhor captivo:

Responde: acaso negarias, bella,
 Ao pobre vate que te adora, ai tanto...
 —Um beijo, um riso d'esperança infinda,
 Um leve abraço de sublime encanto?

Não creio.—E's boa, carinhosa e terna;
 Meiga pombinha que seduz, que prende!
 Não pôde em meio a candidez d'essa alma
 Brotar a chamma d'um amôr que offende!

E's boa e bella... Tanto amor inspiras,
 Desejos tantos—qu'inda mais não ha!
 Por mais que o queiras recusar meu anjo,
 Não creio, archanjo, que tu sejas má!

Dá-me portanto de teus labios, anjo,
 Um beijo em paga d'este amôr que é teu:
 —Único anhelo—qu'inspiraste ao vate
 Quando a teu lado tão feliz viveu!

Setembro—1872.

THEOBORO DE MIRANDA.

AGAR.

De quem fôra tão querida
 Lá vai ella repellida,
 Lá caminha a pobre Agar!
 Nos braços leva seu filho,
 Do deserto segue o trilhio,
 Lá vai a triste a chorar.

Por muitos dias, errante,
 Desnortêa a escrava amante
 Nos plainos de Bersabé:
 Incerta, vagueia á lóa,
 Bem como a ave que vóa,
 Sem achar abrigo ao pé.

Ao ardôr da intensa calma
 Sente a dôr no fundo d'alma,
 Quando ella o filhinho seu
 Vê chorar de fome e séde!
 Ergue a vista, o espaço mede—
 O deserto abrange... o céo!

Sem um raio de esperança,
 Ao ver de séde a criança
 Offegar, perder a côr,
 Sob uma árvore que via
 A pobre escrava judia
 Foi o menino depôr.

A mãe não tinha coragem
 Para ver do filho a imagem
 Fria, immovel se tornar...
 « Vê-lo assim morrer não quero! »
 Disse a escrava em desespero,
 Disse a mãe a soluçar!

Mas pae é Deos, por essencia
 Da desvalida innocência:
 A voz do menino ouviu,
 E, juncto à mãe succumbida,
 Do Senhor logo em seguida
 Anjo formoso surgiu.

Chamou por ella o enviado:
 « Aqui neste descampado,
 O que fazes tu, Agar?
 Não temas, toma o menino,
 Que a estrella do seu destino
 Linda muito tem que andar.

« Teu filho, debil renôvo,
 Será pai de um grande povo—
 Povo de eterna missão! »
 E ergueu-se, e viu a escrava
 Fonte do réu que espelhava
 O porvir de uma nação!

Deu de beber ao innocente,
 Que alli no deserto ardente
 Allivo e forte cresceu...
 Tornou-se um habil frecheiro,
 Chefe de um povo altaneiro,
 Que muitos povos venceu!

Stará sempre na memoria,
 Eterna será na historia
 Essa escrava d'Israel:
 E com fama a ella unido
 Esse filho conhecido
 Pelo nome d'Ismael.

BERNARDO TAWEIRA JUNIOR.

FOLHA SOLTA.

DEVANEIO.

Si tu réves, je t'aime....
Statue, mais si belle, peut être
Je t'aimerai.

E. SAUVESTRE,

Ao correr da noite quando a alma scisma
E vai tristonha remontar-se a Deos,
Não sentes pura, divinal imagem
Passar serena pelos sonhos teus ?

Um novo mundo não assoma ingente
Rello, sublime—primavera em flores,
E a casta imagem não te estende os braços,
Não diz-te : amemos em febris languores ?

Bem como o echo de suave accorde,
De harpa eolea a melodia infinda,
Amuleto santo—do passado os sonhos,—
Não vem a frente te beijar ainda ?

Depois immersa n'um scismar profundo
Agra saudade não te agita o Ser ?
E a crença—incerta como o cirio aos ventos,
Não sentes n'alma vacillar, morrer ? !...

Ai vinte annos ! mocidade ardente,
Virgineo leite trespallando olores,
Poema santo de divinos cantos,
Prisma fulgente de brillhantes cores !...

.....
.....

Ou és, quem sabe, d'essas almas gelidas,
Estatuas gesseas—que só tem alvor,
Marmoreas frentes a quem falta a vida
Peitos de neve p'ra vibrar amor ? !

Mirraste acaso as illusões floridas,
Crença sublime de sagrado arcano.
Perola solta na— poeirenta estrada
Perdeste o brilho no lutar insano ? !

Que importa ! escuta: que a insomnia ardente
 Por noites longas me quedou a fronte,
 E nessas scismas de tristura infinda
 Amei na febre o teu semblante insonte ..

Brisas que passão, trescallando puras,
 Doces, suaves, celestiaes perfumes,
 E a mente enlevão em languidez serena,
 E o peito incendem com fulgentes lumes ;

Assim em minh'alma tua imagem pura
 Passou divina, em radiante luz,
 E ergui-te um canto como a prece pura,
 Que o crente reza nos degrãos da cruz !..

Só no mysterio; no silencio, a medo,
 Tenho um romance de fatal amor ;
 Abri o peito da tristura aos cantos,
 N'essa endeixas que alimenta a dor.

E amei na sombra... no deserto a planta
 Occulta ao mundo por espesso véo,
 Cresce e viceja ou se desbota e morre
 Não vio-a a turba, mas o soube o céu !

E tive medo de dizer-te : amo-te,
 N'esse delirio de febril paixão ;
 Quem sabe—estalna em pedestal de ouro
 Sorrindo gelida me dicesse— não !..

E amei-te muito, do porvir a gloria,
 Crença sublime que acalenta a alma,
 Tudo esquecerá,—se pu'lera um dia
 Do amor nas lutas alcançar a palma.

Mas não... A fronte me assellou tremendo
 Negro fadario que é mister cumprir,
 Vive em teu leito de virgineas flores
 Deixa meu canto n'amplidão carpir !..

AFFONSO MARQUES.

CHRONICA.

O mez que hoje finda não abandon em novidades, que moreçam a honra de occupar as paginas da *Revista*.

O theatro que poderia dar assumpto para largos commentarios já quanto ao merecimento da composição dramatica, já em relação ao desempenho, fechou as suas portas, ficando senhores do edificio os morcegos e as aranhas.

E' verdade que tivemos um concerto e dous bailes; mas posso eu descer a detalhes sobre essas festas quando a imprensa diaria d'ellas se occupou desenvolvidamente, com especialidade *Degenais*, o distincto folhetinista da *Reforma*?

Cesson o combate nos arraiaes politicos.

Os vereadores já fizeram soar a ultima nota do hymno de seu triumpho; os vencidos attribuem a causa da perda a este ou aquelle motivo, e no campo da opposição retemperam as forças para a pugna que se seguir.

Ao movimento politico, que occupou quasi geraes attentões, succede outro, que infelizmente passa desaperebido a muita gente.

Entretanto, se confrontarmos os resultados de um e outro sob todos os pontos de vista, chegaremos à conclusão de que a provincia tem tudo a lucrar da agitação que agora se manifesta, e é consequencia da tenacidade de esforços do *Parthenon*.

De facto, em 1868, quando alguns moços, poucos é certo, se congregavam no proposito de arrancar a litteratura à prostração em que se achava na capital, e fundavam o *Parthenon*, a sua nobre tentativa era recebida com o riso do ridiculo por uns, qualificada de arrojada pela maior parte.

Tendo n'alma a fé e esperanza, não descansaram os modestos lutadores, e dentro em pouco os seus esforços em prol das letras mereciam unanimes applausos, porque todos afinal tinham comprehendido que o acto de 18 de Junho de 1868 não fôra mera diversão de crianças.

Por um trabalho de todos os dias tem a associação conseguido muito no seu louvavel empenho; e hoje o *Parthenon* tem razão de ufanar-se quando a provincia, pela voz dos seus orgãos na imprensa, o aponta como autor da grande ebulição que se opera em relação à litteratura rio-grandense.

D. Amalia Figueirôa, inspirada poetisa rio-grandense, cujas estrophes ungidas de sentimento não ha quem deixe de ler com interesse, vai publicar um volume de versos sob o titulo de— *Crepusculos*.

Em luta constante com a adversidade, D. Amalia se apresenta aos seus patricios pedindo protecção para o seu mimoso livro, escripto em horas de desalento e angustia; e o publico porto-alegrense, que tautas vezes dá immerecida applicação ao dinheiro, deve animar a distincta poetisa, incitando-a a mais arrojados vôos, para o que sobram-lhe disposições.

Mucio Teixeira, menino de 15 annos, e que já figura com vantagem entre os poetas de nossa terra, vai tambem publicar um volume de suas poesias, a que deu a denominação de— *Vozes tremulas*.

Formo a mais lisongeira idéa d'essa criança, e faço votos para que não arrefeça o ardor no caminho que vai trilhando, certo de que consignirá firmar brilhante repntação, se fôr constante ao estudo e docil ás lições que consocios mais autorisados lhe ministram.

Mais dous livros de versos devem ver a luz da publicidade no Rio de Janeiro.

Os seus autores não são desconhecidos para muitas pessoas em Porto Alegre.

O Dr. Luiz Guimarães Junior, nos folhetins do *Diario do Rio* e em diferentes livros já publicados como os *Nocturnos*, tem demonstrado as louçanias de seu talento.

Joaquim Serra, espirituoso folhetinista da *Reforma*, tambem em delicados versos nos tem provado que não desmerece de tanta intelligencia brilhante que tem produzido a provincia do Maranhão.

A litteratura nacional precisa bem de ser enriquecida, e por isso bem hajam todos aquelles que lhe consagram as horas de ocio.

Trabalhem para eleval-a á maior altura todos os que podem fazel-o; não lhes sirva de obstaculo o indifferentismo de uns, o máo julgamento de outros; a justiça do futuro abençoará os serviços que houverem postado á causa das letras.

AURELIO DE BITTENCOURT.